Prólogo

A minha vida sempre me pareceu uma história sem princípio, meio ou fim. Assemelhava-se a uma imagem construída com peças de diferentes *puzzles*, embora todas me fizessem sentido. Por diversos momentos, tive a sensação de ser um fragmento histórico, um conto entrecortado por páginas perdidas. Sentia-me uma palavra perdida no meio de uma longa frase, sem qualquer vírgula. O excerto de um livro para o qual faltava o capítulo anterior e o subsequente. A peça em falta de um *puzzle* que por qualquer razão não se encaixava. Perder alguém sempre me deixara transtornada. A sensação era semelhante à de ser virada do avesso, empurrada para uma vida paralela à minha, para um lugar vazio. A primeira vez que vivenciei essa sensação já foi há algum tempo... e não creio que as memórias se tenham solidificado o suficiente, pois só de alguns episódios me recordo. Costumam chamar-lhe amnésia infantil, pela qual nenhum de nós se lembra de algo vivido até aos cinco anos, bem como se acrescenta que a idade da nossa primeira lembrança varia. Em todo o caso, também se diz que a primeira memória de infância, da qual nos recordamos em idade adulta, é sempre importante. Para mim, essa primeira memória é a morte do meu pai, num desastre de automóvel, após a jornada de trabalho, numa das muitas viagens pela Europa. Nunca conheci os meus avós, excetuando o avô materno, que vivia na Suíça e que já falecera à data desse acidente, pelo que fui criada pelos meus pais. Porém, as minhas memórias difusas não faziam sentido para a minha mãe, que as considerava uma invenção e uma fuga imaginária de criança perante uma perda tão sentida.

Estava calor, tinha sete anos e as imagens já se evaporaram da minha memória. Lembro-me de estar sentada num banco de igreja, a minha mãe de preto, com o rosto aguado pelo choro. Foi então que ao ver a fotografia do meu pai, exposta junto ao caixão lacrado, entendi aquela ausência como eterna, e o meu corpo encheu-se de angústia e de um medo intenso. Senti-me a fraquejar, e ouvi um ruído que me levou a fechar os olhos e a tapar os ouvi-

dos. Depois, só me recordo de uma menina da minha idade me chamar para brincar num baloiço. Por momentos, recordo-me de estar feliz a brincar com ela. Outras pessoas estavam ao nosso redor, pessoas que a minha memória transformou em meras visões de corpos indistintos, e só uma mulher completa, mulata, com vestígios dos contratempos da vida marcados no seu rosto jovem, mas vivido, que outrora já fora bonito. Essa mulher cuidava de crianças, sorria-nos e acenava-nos. Até que senti novamente uma tristeza violenta, e comecei a chorar, curvada sobre essa menina que estava rodeada por outras crianças. Lembro-me de me sentir gelada e efémera, sensações subitamente apaziguadas pelo abraço da minha mãe, que me pegara, em lágrimas, e enquanto me afagava as costas e me pressionava contra o peito, soluçava: «Graças a Deus que estás aqui, meu amor, graças a Deus, meu anjo. Desculpa se permiti que aqui viesses.»

Quando confrontados com a perda de alguém, tão importante, a nossa alma parece querer fugir-nos, e perder-se para sempre nas memórias felizes que ainda guardamos dessa pessoa. Somos invadidos por uma sensação de impotência, prostração e amargura extrema incontrolável.

Sentia-me perdida no tempo e no espaço, rodopiando a uma velocidade absurda em torno de mim mesma, visualizando fragmentos de recordações de forma lépida e em simultâneo ouvia um barulho intenso, similar ao de um rádio antigo a ser sintonizado.
Agora percebera que fora esse som que escutara em criança, talvez pelo eco do coro na missa dedicada ao meu falecido pai.

É impressionante como durante anos perduram em nós sensações de *déjà vu* cujo sentido nos escapa.

Mais tarde, com o falecimento da minha mãe, fui transportada novamente para esse turbilhão de alvoroços e tudo o que ouvira e sentira um dia estava a vivenciá-lo de novo, contudo de forma mais consciente e com maior reminiscência.

I
Atemporal

Estava casada com o Henrique há dois anos, embora estivéssemos juntos há cinco. Tínhamos aproveitado o tempo a viajar para os mais recônditos lugares, num simbólico espaço de tempo de quatro anos. No entanto, nunca me senti preenchida. Os momentos de felicidade aparentemente sem fim, revelavam-se, afinal, breves e atenuados com o passar do tempo.

Queria muito ser mãe. Embora tivesse um casamento feliz, parecia que, naquele último ano, vivia em constante indefinição, arrastada pela corrente da vida. Vivia num limbo, entre o paraíso dos meus sonhos e os anseios que me inquietavam. A paixão inicial estabilizara e a rotina assumia o controlo. Nesse ano que decorria, tínhamos recorrido às últimas poupanças para a compra de uma nova casa, a fim de darmos o passo seguinte, o de aumentar a família.

Foi a desempacotar um dos caixotes, aglomerados às paredes da nova casa, que reencontrei um amuleto antigo, que me fora oferecido numa viagem ao Brasil com um antigo namorado, Martim. Das três viagens que com ele fiz, o Brasil, país onde a minha mãe nascera, foi a primeira. Foi numa praia em Recife, repleta de tendas, que uma filha de orixás me ofereceu um amuleto de proteção, depois de me lançar os búzios. Mesmo sem ser supersticiosa, tinha guardado meticulosamente o amuleto, de tal forma que nunca mais me lembrara dele. Ali, rodeada de caixotes empacotados, revivi as palavras proferidas pela filha de orixá.

«É a primeira vez que presencio uma energia tão intensa. O destino se encarrega de colocar as almas gémeas no nosso caminho. Quando chegar o tempo certo, irão se reencontrar, mesmo que estejam a léguas de distância». Entregando-me o búzio, continuou: «A espiral, minha querida, é a essência do mistério da vida. Assim como o Tempo que se contorce, provocando vibrações e ecos, também as espirais circulam dentro de nós e, como o vórtex de energia, também elas têm dois sentidos. No sentido do relógio, representam o Sol, o nascer, a vida, a transformação pelas vidas exteriores. Mas no

sentido inverso, espelham a Lua, a morte, os nossos sonhos, as intuições e a transformação vinda do nosso interior». E olhando para mim e para Martim finalizou: «Deus tem um propósito até na sua dor. O verdadeiro amor nunca morre, apenas adormece para um dia despertar».

Visualizei-me abraçada a Martim, depois daquela explicação, para nós inusitada, sobre a qual conversámos.

– O verdadeiro amor nunca morre, apenas adormece, hã? – comentei com um sorriso matreiro. O Martim respondeu-me usando o mesmo tom malicioso: – Adormecer? Impossível. O meu amor por ti jamais adormecerá – e direcionando o olhar para as suas calças, acrescentou: – Já tu podias deixá-lo dormir de vez em quando, tem passado o dia inteiro de pé. – Soltámos uma gargalhada, seguida de um beijo caloroso.

Por alguma razão tinha guardado aquele búzio. Ao contemplá-lo em detalhe, a campainha tocou, despertando-me do meu estado absorto.

– Desculpa, não levei a chave. Devíamos ter tirado mais dias de férias para arrumar tudo isto de vez. Já conseguiste desempacotar algumas caixas? – perguntou-me Henrique, que segurava várias nos braços.

– Faltam umas quantas! – respondi, ajudando-o a apoiar as caixas no chão. – Só de livros já arrumei três!

– Há mulheres que extravasam na compra de roupas, tu adquires livros de mais – provocou ele.

– Sabes o quanto adoro ler e cultivar-me.

– Se sei! Sugiro que esta noite deixes o piano de lado e alinhes em irmos a uma festa na praia.

– Julgava que gostavas de me ouvir tocar piano! – lembrei, julgando-o sem descrença.

– Sabes bem que gosto. Mas começo a ficar com ciúmes desse piano! Desde que o comprámos, que ele sente mais os teus dedos do que eu! – brincou, soltando uma risada tímida.

– Creio que ele não sofre do mesmo mal. Podemos sempre experimentar algo a três! – atrevi-me.

– Sou um homem possessivo. Não gosto de dividir atenções! – concluiu, pressionando-me contra ele. – Vamos à festa?

– Vamos. Deixa-me tomar um duche primeiro. Tenho pó entranhado em todos os poros.

Na infância e adolescência tinha estudado piano, mas desde que terminara a faculdade jamais tocara. Por isso, decidi comprar um piano para a nova casa, agora mais ampla, a fim de voltar a praticar.

Terminei o duche e coloquei um vestido de alças branco, em seda, comprido e fluido como eu tanto gostava. Cardei uma ligeira ondulação ao cabelo e, ao tirar uma fita da gaveta, para segurar algumas madeixas que teimavam em tapar-me os olhos, vi novamente o amuleto, pelo que, num impulso, fixei-o na única pulseira que usava. Por fim, compus o pendente do colar que me adornava o pescoço, em forma de lágrima num tom azul Bic, dentro de um cristal, que tanto simbolismo tinha para mim. Fora um presente do meu pai, justamente no último dia que estivera com ele.

Quando desci as escadas, Henrique preparara um *tagliatelle*, esperando ele que pudéssemos sair de casa logo que possível. Degustámos a refeição, acompanhada com vinho branco, e preparámo-nos para sair. Vesti um casaco azul-escuro, de malha fina, julgando-o suficiente para um acentuar de brisa noturna. Atravessámos a ponte 25 de Abril rumo à praia, deixando os vidros do carro abertos, crendo que assim os últimos raios de sol me bateriam melhor no rosto, misturados com a fresca brisa de outubro. Decorria o ano de 2018 e nunca tivéramos um outono tão quente.

Após estacionarmos o carro num parque de terra, num lugar mais distante do que desejávamos, segui Henrique, tropeçando na antiga linha férrea de acesso à praia. Senti a brisa do mar no meu rosto e na minha pele, o que me arrepiou. Esfreguei as mãos sobre a pele arrepiada, vesti o casaco e cruzei os braços aconchegando-me o melhor possível, enquanto caminhava pela areia. O céu já escurecera. Quando subimos a colina de dunas, deparámo-nos com um conjunto de raios laser que se cruzavam no ar e eram refletidos pelo mar, dando a sensação de múltiplas cores espelhadas a uma distância sem fim. A linha do horizonte na imensidão da noite estava obscura e, quer o mar quer o céu, serviam de painel negro realçando todo um leque de cores projetadas em várias direções. Pela areia havia homens, vestidos de preto, rodando arcos de laser, cuspindo fogo, e outros ainda, que sopravam enormes bolhas de sabão, que refletiam cores como um espectro, concentrando as luzes que dançavam no ar. Fascinei-me com o cenário, há muito que não ia a uma festa daquele género.

Henrique colocou o braço ao redor da minha cintura, aconchegando-me no calor do seu corpo, e beijou-me. Caminhámos pela praia ao som da música *Carrying the Fire*, de Madis, uma perfeita mistura de sons, incluindo o do piano, que gradualmente se destacava.

– O teu mais recente amante persegue-me! – notou Henrique, quase gritando para se fazer ouvir.

Descalçámo-nos e acabámos sentados na areia, abraçados, conversando até que o telefone de Henrique tocou. Eu deixara o meu no carro para que não o perdesse, algo que me acontecera algumas vezes.

Henrique atendeu, mas a chamada era para mim. Era frequente ligarem-lhe para falarem comigo, precisamente pelo meu hábito de deixar o telefone em qualquer lado. Porém, era estranho que daquela vez não se tivessem identificado. Por instantes, recordei o que a minha mãe me dissera um dia: «A tua ligação ao mundo não evoluí ao ritmo das tecnologias. Se não souber onde te procurar, seguramente não te encontrarei ligando-te para o telemóvel.»

Quando Henrique me passou o telefone, seguiu-se uma pausa constrangedora. – Como assim? De quê? Quando? – perguntei, entoando desespero. Não sei que palavras ouvi do outro lado, contudo entendi que a minha mãe tinha falecido. Um ataque cardíaco fulminante. Era do hospital que me ligavam. As lágrimas começaram a escorrer-me pelo rosto e apenas consegui dizer que ia a caminho.

Sempre fui capaz de me controlar perante qualquer infortúnio ou situação adversa, reagindo quase como que de forma padronizada, desabando por completo só momentos após o primeiro impacto.

– A minha mãe, Henrique! Ela... ela faleceu! – disse-lhe ainda em choque. Henrique perguntou-me o que acontecera, esperando talvez ouvir algo diferente, mas da minha boca nada mais saiu, apenas o silêncio do espanto. Senti um nó na garganta, pelo esforço que fazia para não desabar. E chorei.

Henrique abraçou-me intensamente, tanto que fiquei na dúvida se a minha dificuldade em respirar provinha do seu abraço ou do vazio que crescia dentro de mim. O meu desgosto era esmagador, muito para além do que é a dor física e mentalmente suportável. Doía-me ao respirar, o ar passava em esforço, como se vestisse um colete de forças.

Ali ficámos, até que me levantei e pedi a Henrique que me deixasse uns minutos sozinha. Sugeri que fosse buscar o carro, trazendo-o para mais perto do acesso à praia, poupando-me à caminhada, para então seguirmos para o hospital. Henrique não pretendia deixar-me sozinha, nem por aquele breve instante, mas com relutância acabou por ceder ao meu pedido, percebendo a minha necessidade daqueles minutos a sós para me recompor. Ele seguiu em direção às dunas, a correr, desviando-se das pessoas que se apinhavam pelo areal, que então me pareciam num mundo à parte. Sentia-me desfalecer, e à medida que a informação trágica ia passando do choque para uma consciência plena, crescia em mim a intensidade do vazio e da tristeza, cada vez mais lancinante e inversamente proporcional à aquiescência que tanto me desafiava. As lágrimas toldavam-me a visão, deixando-a turva. As mãos estavam trémulas, mas ao olhar para elas estavam estáveis, pelo que presumi que o tremor era apenas interno, e que me comprimia os pulmões. Aproximei-me do mar, molhando os pés, procurando o horizonte na escuridão, em busca de

algum amparo divino. Senti um rodopio à minha volta e olhei para trás, tendo encontrado dois animadores da festa, na sua indumentária preta. Rodopiavam um círculo de lasers, que se contorcia em espiral projetando inúmeras cores, girando a uma velocidade absurda. Pensei que estava a alucinar com aquele movimento lépido e, só de olhar, fui invadida por náuseas e tonturas. Senti-me a sufocar, e a minha mente foi tomada por uma irrupção de memórias recentes e subconscientes que não pareciam fazer qualquer sentido. Senti o meu corpo sem a pressão da gravidade, a levitar.

Sentia-me perdida no tempo e no espaço, rodopiando a uma velocidade absurda em torno de mim mesma, visualizando fragmentos de recordações de forma lépida e em simultâneo ouvia um barulho intenso, similar ao de um rádio antigo a ser sintonizado.
Agora percebera que fora esse som que escutara em infância, e que talvez tivesse associado ao eco do coro musical na missa dedicada ao meu pai falecido.



Acordei atordoada na areia molhada e completamente gelada. Sentia o cérebro a congelar e não conseguia sequer pensar. Ergui-me, e o meu estômago contorceu-se provocando-me uma tensão espontânea na garganta que me levou a vomitar. De joelhos e mãos na areia, senti novamente um refluxo subir-me pela garganta. As minhas forças pareciam ter sucumbido, sentia-me exausta e com todos os músculos doloridos. Todo o meu corpo estava tenso, mas ao mesmo tempo sem forças. Sentia-me a tremer. Demorei algum tempo a levantar-me e a focar a visão, ainda desfocada.

Girei a cabeça em redor e a praia estava vazia. Os primeiros raios de luz brindavam o céu. Teria ficado assim tanto tempo inconsciente? – A minha mãe! – balbuciei, escutando o desespero na minha voz. E voltei a chorar por me lembrar dela. – Henrique! – gritei. Onde estaria ele?! Pensei que algo lhe tivesse acontecido enquanto fora buscar o carro. – Raios me partam! – reclamei, desesperada.

Ele jamais se iria embora sem mim. Mas o que poderia ter-lhe acontecido? Puni-me por estar ali em vez de estar perto da minha mãe, sentindo-me egoísta e abominável.

Gritei mais uma vez por Henrique, na esperança de que ele, ou qualquer outra pessoa, me ouvisse. No entanto, não obtive respostas e obriguei-me a recuperar apenas a força necessária para me erguer e caminhar na direção das

dunas, depois das quais poderia avistar o carro. Quem sabe ainda lá estivesse estacionado e eu pudesse partir o vidro para usar o meu telemóvel e contactar Henrique ou o hospital. As minhas pernas afundavam-se na areia e suportavam com dificuldade todo o peso do meu tenso corpo. Quando cheguei ao topo das dunas não vi nada além de mais areia. Se estivesse no mar diria que tinha sido arrastada pela corrente. Era óbvio que não estava no mesmo local onde recebera aquela fatídica notícia, mas não conseguia encontrar uma explicação para tal. Estaria a alucinar? Procurei alguma lesão no meu crânio, que pudesse ajudar-me a compreender aquela desorientação. Estava intacto, aparentemente sem lesões. Ali fiquei uns instantes, a refletir sobre o rumo a tomar. Nada conseguia identificar naquela praia que me fosse familiar, nem mesmo o pequeno bar, no meio das dunas, eu conseguia agora avistar. O nervosismo dominava-me. E percebendo isso, fiz um esforço para me acalmar, respirando fundo.

O facto de já ter amanhecido fazia-me acreditar que tinha estado desmaiada durante algum tempo. Penalizei-me por ainda me encontrar ali, na praia, ao invés de ter ido ao encontro da minha falecida mãe. Estava irritada comigo mesma, por ter desmaiado e ficado inconsciente durante tanto tempo, num momento tão crucial e urgente.

– Tens de arranjar forças! Terás todo o tempo para te lamentares – disse para mim mesma.

Comecei a correr, de forma a acelerar a minha chegada, fosse lá onde fosse, parando algumas vezes, respirando fundo, oxigenando o meu corpo e levando-o a reagir mais depressa. Ia procurando lógicas, embora nenhuma me fizesse sentido.

Devo ter percorrido uns dez quilómetros. Corri devagar, com a dificuldade acrescida de estar sobre areia, apesar de linear, e a julgar pelo tempo devo ter caminhado durante mais de duas horas. Passei a sentir-me ofegante e com calor. O Sol rompia o céu cada vez mais distante do horizonte e a humidade no ar tornava-se mais intensa. Avistei, finalmente, um edifício ao fundo, parecia um forte. Tentei lembrar-me de um qualquer edifício militar a cerca de dez quilómetros da praia da Sereia... sabia que não existia qualquer forte ali. A praia onde desmaiara tinha uma extensão enorme, para sul estendia-se até à Lagoa de Albufeira, sendo que assim que chegasse à Fonte da Telha a própria arriba denunciaria que tinha lá chegado. Para o outro lado, o areal terminava na praia de São João, e também muito antes disso os pontões rochosos das praias da Costa da Caparica tornariam o local identificável.

Um forte só podia comprovar que eu, de alguma outra forma, me tinha deslocado daquela praia onde desmaiara, transportada para outro local por

terceiros ou numa crise de sonambulismo sem precedentes. Todas as hipóteses eram postas em causa, não podia descartar alguma. Ganhei resistência para acelerar o passo e aproximar-me do forte. Sentia-me perdida num deserto, a vislumbrar algo ao longe. Temendo que aquela imagem se dissipasse, fosse uma alucinação ou uma partida da mente, semicerrei os olhos. No meu campo de visão entrou uma silhueta escura, de uma pessoa magra, jovem, com os braços levantados e segurando algo na cabeça. Quase em simultâneo, observei fragatas e caravelas num vislumbre desfocado, ao longe no mar. Aproximei-me, a poucos metros da figura que vi, e percebi que se tratava de um jovem com cerca de vinte e cinco anos, de raça negra, que transportava pedras na cabeça. De corpo franzino e esquálido, ao perto parecia ainda mais novo e frágil, parecendo incapaz de suportar aquele peso. Detrás do forte surgiram outros homens iguais, acorrentados. Marchavam entoando cantos compassados, carregando fardos de algodão ou de pedras à cabeça, tangidos pelo chicote de outro homem. Fiquei em choque. Foi então que tive um rasgo de discernimento e percebi que me deparava com escravos. Mas a escravatura já tinha sido abolida, então como poderia ser isso possível?!

Sentia-me desorientada e inserida num cenário incongruente. Tudo me parecia irreal e improvável. Procurei ansiosamente algo que me despertasse daquele sonho ou alucinação. Sim, uma alucinação, era isso que eu estava a vivenciar. Coloquei as mãos sobre os ombros ossudos do rapaz, procurando algo que me prendesse à realidade. Olhando-o, perguntei melindrosa: – Que lugar é este? Estou a alucinar? – O rapaz, mantendo a cabeça baixa, nada disse. – Por favor, responda-me. Onde estou? – insisti, calculando que aquilo não podia estar a acontecer em nenhuma das praias que eu conhecia. Não tive resposta e o jovem prosseguiu o seu trabalho árduo, desejando livrar-se discretamente de mim. – Pode dizer-me onde estou? – insisti, mas outra vez obtive o silêncio.

Ouvi vozes distantes junto à parte lateral do forte. Finquei as mãos sobre os ombros do jovem, e fleti o pescoço como se dessa forma conseguisse perceber melhor a língua que ouvia. Era um idioma familiar, o que não sei se me acalmou ou não. Sem conseguir organizar-me mentalmente, afastei-me ligeiramente do jovem e tentei focar o olhar em tudo o que me rodeava, procurando encontrar uma resposta qualquer e acalmar o meu estado caótico e conturbado. Caminhei em redor do forte e o cenário não podia ser mais incongruente. Avistei muitos mais jovens acorrentados e debilitados, fazendo-me lembrar das crianças de África, famintas. A paisagem era pontuada por homens vestidos a rigor, com trajes antigos, e uma ou outra senhora trajada com saia volumosa, chapéu abaulado e seguro por um laço de seda. «Esta-

riam a realizar um filme?», pensei. Mas rapidamente afastei a hipótese, afinal não vi câmaras nem outros aparatos.

No início, imaginei que estivesse apenas a sonhar mais vividamente do que o habitual, no entanto as vozes que ecoavam e as filas de escravos que se avizinhavam dissiparam essa impressão. Todos pareciam iguais. Os corpos eram franzinos, vestidos com os mesmos trapos. Tinham os mesmos cortes de cabelo, e marchavam em silêncio, carregando pedras não sei para onde. Fiquei apática durante minutos, sem saber se devia mostrar-me ou esconder-me. Voltei depois a aproximar-me de um deles, para lhe dizer: – Estás acorrentado! A carregar estas pedras! Jesus, ninguém merece isto. Deixa-me ajudar-te a tirar-te essas correntes – sugeri, mas num instinto hesitei e acrescentei: – Não és nenhum recluso a prestar serviço, pois não? – perguntei, pois todas as hipóteses surgiram na minha mente em catadupa.

O jovem manteve-se em silêncio, cabisbaixo e assustado, mas pude sentir que estava incomodado com a minha presença.

– Estarei a enlouquecer? Reclusos... são reclusos, é isso? – perguntei, por ser aquela a única possibilidade que julgava fazer sentido. – Responde-me! – insisti.

Continuei sem resposta e, por pensar que nenhum deles entendia o que eu dizia, afastei-me outra vez. Nada mais foi preciso para ter certeza de que não eram reclusos. Eu nunca estivera na presença de um, mas aqueles homens eram submissos, receosos e estavam fisicamente debilitados. Acorrentados daquela maneira, eram escravos. Só podia ser essa a explicação. Alguém, de certa forma, mantinha a escravatura no século XXI, algo inadmissível.

Engoli em seco, ficando atónita e sem reação, em frente àqueles homens. Foi então que os meus olhos se arregalaram ao presenciar uma atrocidade. Um dos escravos deixou cair uma pedra enorme sobre o pé, mas não demonstrou sinal de desconforto, muito menos pediu ajuda, apenas se contorceu procurando colocar de novo a pedra sobre a cabeça. Eu jamais teria reparado no incidente, não fora a gritaria de um homem, bem vestido, a insultar e a agredir o jovem escravo. Assim que girei o corpo, na direção dos gritos, arregalei os olhos ao constatar que o homem ferido era agredido com um chicote de haste longa e pesada, com tiras de couro cru nas pontas. Enquanto isso, o agressor o amaldiçoava e praguejava gritos. Jamais poderia ficar indiferente àquela crueldade, independentemente das consequências. Nada justificaria aquela brutalidade, pelo que num impulso, coloquei-me entre o agressor e o jovem, elevando as mãos, e supliquei: – Pare, por favor! Chega! Pare com isso! – gritei em desespero, esperando que mais alguém me ouvisse e me ajudasse a

travar aquela violência. Por pouco não fui agredida pelo chicote, que passou em razia pela minha cabeça.

– Está louca, mulher? Quase que lhe acertei! – gritou o homem, tão espantado quanto eu.

Tremendo de susto pelo risco que correra, pronunciei-me: – Peço desculpa pela minha intervenção, mas não foi possível conter-me – expliquei-lhe, respirando de alívio por julgar interromper aquela agressividade.

– Mas o que vem a ser isto? Que pensa que está a fazer?! O lugar de uma mulher é em casa! – gritou-me o agressor, irritado.

– Acredite, que neste momento, ninguém mais do que eu quer ir para casa! – respondi, ainda ao lado do jovem, que tinha o pé a sangrar.

– Vá para onde diz que quer ir... para casa, onde é o seu lugar! – disse o homem num tom firme. – Agora! – avisou-me, antes de me virar as costas.

– Vou, sim! – disse persuadida, mas vacilante, acocorando-me para verificar o golpe no pé do rapaz. – Mas alguém terá de tratá-lo! Não vê que ele está ferido?! – alertei, olhando para o sangue que lhe escorria do peito do pé, colorindo a areia.

O homem do chicote, percebendo que não me afastei, rodopiou sobre uma perna repetindo: – Não ouviu o que eu lhe disse? Ou preciso dizer-lhe novamente que este negócio só diz respeito aos homens? – com um empurrão, deslocou-me da frente do escravo e exclamou: – Ferido! – disse, sarcástico, soltando uma gargalhada! – Sem dúvida alguma que só tem dado prejuízo! Uma peça destas, sem todos os dentes, raquítico... – Ao mesmo tempo que lhe lançava uma vergastada nas costas. – Uma peça destas não deveria ter sido tão cara! Um mau negócio, foi o que foi.

Contrapondo, com todas as minhas escassas forças, contestei: – Como é capaz de falar assim de uma pessoa?

– Pessoa? – ironizou, soltando uma gargalhada ruidosa, na qual se engasgou – E isto lá é uma pessoa?! São a nossa mercadoria, as nossas peças. Certamente não saberá a quem elas pertencem, senão não teria essa ousadia!

– Isso não tem a mínima relevância – argumentei, humildemente, desconsiderando as suas palavras. – Seja quem for essa pessoa que fala, não tem o direito de pôr em prática a escravatura!

Ignorando por completo as minhas palavras, o homem continuou: – Francisco António de Oliveira, primeiro barão daqui. Um grande comerciante e empreendedor mazombo, além de ser o maior traficante de escravos de Pernambuco – informou-me. – Não a censuro. Não sabe e nem deve envolver-se nos negócios. Agora vá para casa e pense bem em se aprumar antes de sair!

Tapei-me espontaneamente com o único casaco que tinha, procurando cobrir o decote do vestido, apesar de estar com imenso calor.

Não fazia ideia de quem era Francisco António de Oliveira, em todo o caso, algo que ele me dissera ecoava na minha cabeça: Pernambuco.

– Pernambuco? – retorqui, atordoada. – Pode parecer estranho o que lhe vou perguntar, mas onde estamos?

– O melhor será ir para casa antes que perca a paciência! – aconselhou-me o homem.

– Eu irei. Mas diga-me, por favor... Onde estamos? – insisti humildemente.

– Recife! – respondeu-me, tentando livrar-se de mim.

– Recife? – repeti, sem me aperceber de que o meu pensamento se transformara em palavras! – Como assim, Recife? Que dia é hoje? – perguntei ainda mais hesitante, com medo da resposta. Precisava obter informação. Era uma questão de sobrevivência.

– Já me basta ter de domar estes negros! Não preciso de domar uma vadia desvairada! – refilou o homem irritado.

– Muito bem, não precisa de responder – concluí, com receio de que ele perdesse a paciência, e assolada por ver injustiças contra aqueles homens debilitados. Terminei a discussão, assumindo-me como derrotada – Certifique-se que ele fica bem, pois se ele ficar sem pé terá certamente mais prejuízos.

Não tive consciência alguma dos riscos que estava a correr respondendo àquele homem, e muito menos dos riscos que o jovem escravo corria, mas a adrenalina e o desespero levaram-me a agir por impulso sem pensar nas consequências. Contudo, foi a única forma que encontrei de ter alguma garantia de que o agressor não iria ignorar o ferimento do jovem.

– Não se preocupe. Será vendido brevemente – respondeu-me, irónico.

– Que comentário desprezível! Deplorável todo este cenário – praguejei inconformada, embora tentando manter o controlo. Como podia um ser humano ser tratado daquela forma? Aquilo era desumano. Não me entrava na cabeça como a escravatura ainda existia, fosse onde fosse. E como poderia eu estar no Brasil? «Será que estou mesmo em Recife, no Brasil? Ou existe um outro lugar chamado Recife?», pensei. Recife, só conhecia um... a cidade no Nordeste do Brasil, pertencente ao estado de Pernambuco. Mil e um pensamentos me cruzavam a mente, levando-me a sentir o pulsar da adrenalina.

– Uma galega a falar como uma negra! Onde já se viu? Vou relevar a sua insolente atitude, por respeito a ser portuguesa – disse o agressor e, acenando a um homem fardado que acatou de imediato as ordens, ordenou-o: – Tire-a já daqui!

– Você, sim, será sempre um escravo... escravo da própria cobardia! – ripostei, tentando livrar-me do homem fardado que me segurava. O simples facto de me sentir agarrada levou-me a agir mais rispidamente.

– É melhor se retirar, antes que a minha cobardia perca a paciência e eu agrida uma mulher.

– Certamente não seria a primeira vez! Seu sórdido! – comecei por entoar, primeiro procurando uma ironia e depois elevando a voz, enquanto tentava libertar-me.

– O seu homem deveria acorrentá-la, isso sim! Homem... Não deve ter homem... quem iria querer uma mulher assim? Uma meretriz, uma rameira – praguejava o agressor, explodindo raiva no olhar que me dirigia. – Leve-a já daqui, antes que a amordace – ordenou ao homem fardado.

– Quem sabe não nos encontremos num bordel um dia destes, para eu acalmar esse espírito impetuoso? – continuou o homem, soltando uma gargalhada e, aproximando-se de mim, acrescentou: – Rameiras brancas são raras por aqui.

– Seu porco! – disse-lhe, enojada, cuspindo-lhe, não tendo nada a perder. Acabara de perder a minha mãe e desconhecia onde me encontrava, só isso era o suficiente para nada mais me importar.

– Veremos se resistirá assim tanto no nosso próximo encontro! – rosnou o agressor, com um soslaio de riso nos lábios.

Finalmente afastei-me, pois nada mais podia fazer ali, era impossível vencer aquela guerra de hormonas masculinas e de uma mentalidade tão machista. Não conseguia conformar-me, mas sabia assumir quando era derrotada. Prossegui o meu caminho e senti que alguém caminhava atrás de mim. O forte, que antes me surpreendeu com a sua existência, tinha um nome. Era o forte de São João Batista do Brum, no bairro e cidade de Recife. Situava-se ao norte da primitiva povoação de Recife, no istmo de areia que a ligava à vila de Olinda.

Ali estava eu, sem saber o que fazer. Parecia invisível aos escravos, e ignorada pelas senhoras que se sentavam perto do forte e contemplavam o mar, segredando umas com as outras e acompanhadas de escravas que lhes seguravam as sombrinhas sobre as cabeças.

Estabeleci prioridades mentalmente. A primeira seria arranjar um abrigo, onde pudesse colocar as ideias em ordem, e talvez um telefone.

– Que predestinada, hein? A sua atitude foi digna de uma heroína – elogiou uma voz feminina e delicada. – Venha comigo! – acrescentou a voz, a que, entretanto, quando olhei, se juntou a um rosto delicado.

Segurando-me delicadamente pelo braço, puxou-me para perto dela com as suas mãos pequenas, cobertas por luvas, e acompanhei-a. Ambas seguidas por uma escrava que lhe segurava uma sombrinha de franjas no rebordo, tentando agora cobrir-nos às duas com a sombra.

– Não posso deixar de mostrar o meu apreço pela sua atitude tão instigante. Fiquei impressionada. Mas foi uma atitude muito arriscada – disse a rapariga, vasculhando-me de alto a baixo com o seu olhar. – Também sou portuguesa... ou melhor, os meus pais são. Mas assumo que tudo isto me revolta. – A jovem não parava de falar e eu decidi escutá-la em vez de me antecipar – Vou parecer presunçosa com o que vou dizer-lhe, mas considero-me diferente de todas as mulheres daqui e, apesar de não tomar uma atitude como a sua, eu não sou alheia ao que se passa. Confesso que sofro constantemente ao ver os escravos acorrentados, vendendo mercadorias e trabalhando em tarefas árduas pelas ruas – pronunciou quase em sussurro, sem tirar os olhos do meu vestido.

Senti-me aliviada por ela ter vindo ao meu encontro, bem como por ser portuguesa.

– Onde estou? Que cidade é esta? – perguntei num impulso.

– Pobrezinha! – comentou como se eu não a escutasse. – Deve ter batido com a cabeça nalgum lado. – Fez uma pausa, analisando o meu estado. – Estamos em Recife.

Por uma fração de segundo, pensei ter sido transportada para o Brasil, provavelmente num barco, por ter *despertado* na praia. «Por que razão poderia ter sido raptada? E durante quanto tempo estive inconsciente, se atravessar o Atlântico de barco leva dias?», pensei.

– Que dia é hoje? Em que data estamos? – arrisquei.

– Em outubro de 1813 – respondeu a jovem, percebendo a minha desorientação ao mesmo tempo que fixava o olhar no meu vestido, sem disfarçar a compaixão pelo meu estado lastimável.

– 1813? Percebi bem? – perguntei, querendo confirmar o que o acabara de ouvir.

– 1813, sim! – respondeu-me com clareza. – Outubro de 1813.

Os meus pensamentos pareciam um bando de pássaros desorientados. A minha mente não queria aceitar aquele número que acabara de ouvir, mas não podia negar que tudo aquilo tinha lógica perante aquele cenário à minha volta. Não conseguia perceber como despertara no Brasil, muito menos como *viajara* para 1813. Aliei-me à única mão que me fora estendida, a da jovem que tomara a iniciativa de falar comigo. Em todo o caso, não poderia comentar com ninguém o que me acontecera, pois ninguém iria acreditar,

nem mesmo eu. Com tudo tão desconhecido para mim, a presença daquela jovem simpática confortou-me. Talvez ela pudesse ajudar-me. E sem saber o que acrescentar, sorri-lhe.

– Que falta de cortesia a minha. O meu nome é Maria Teodora da Costa, e certamente já ouviu falar de mim – disse, comedindo-se para aguardar em silêncio uma resposta.

Já ouvira o nome antes, sim, talvez num livro, mas de mais nada me consegui recordar.

– E o seu qual é? – insistiu Teodora, tentando quebrar o silêncio.

– Manuela. Manuela Taglioni Moraes Aguiar – respondi, corrigindo e completando o meu nome.

– Aguiar? Não conheço ninguém com esse apelido. Mas Taglioni é bem diferente. Vive por aqui?

– Estou longe de casa, acabei de chegar de Portugal – devolvi, tentando ser o mais honesta possível.

– Em que embarcação navegou? Não me parece que hoje tenha chegado qualquer embarcação de Portugal – questionou, tentando recordar-se.

– O navio naufragou. Mas graças a Deus cheguei aqui inteira – menti, torcendo para que ela não fizesse mais perguntas.

– Santo Deus, e a sua família?

– Vim sozinha. A minha família está em Portugal, ou o que resta dela – desabafei, recordando-me da minha mãe.

– E qual o nome da embarcação? – quis ela saber.

– Príncipe Real – respondi, lembrando-me do único nome que conhecia como sendo de uma embarcação antiga. Menti mais uma vez, sendo que a verdade seria impercetível.

– Oh! A embarcação que trouxe toda a corte portuguesa!! – espantou-se.

– Sim, julgo que sim – confirmei, arrependendo-me de imediato pela coincidência. Por algum motivo, eu me lembrava apenas daquele nome de navio histórico. Desejando mudar de assunto, perguntei: – Como podem estes homens ter tanto poder sobre aqueles jovens?

– Foram comprados e enviados para cá. Muitos serão vendidos no mercado dos escravos.

Sem conseguir acrescentar uma palavra, suspirei, incapacitada.

– Onde fica a casa de Manuela? – perguntou-me, sorrindo com curiosidade.

– Não tenho casa aqui. Talvez possa indicar-me um lugar de onde possa telefonar... – interrompi o meu discurso, corrigindo-me a mim mesma. – Onde possa hospedar-me até me recompor?

– Porque não vem para minha casa? – sugeriu ela.

– Não... por favor, não perguntei com essa intenção. Só preciso saber onde posso alojar-me por alguns dias! – contei, insegura, mas esperançosa por regressar ao século ao qual pertencia.

– Faço questão de acolhê-la em minha casa, será uma honra acolher uma portuguesa! Tenho sedas distintas que terei gosto em dispensar-lhe. Não posso deixá-la andar pelas ruas de combinação! – criticou, lançando olhares severos sobre a roupa que eu vestia, branca, de seda, rendada no decote e justa da cintura para cima, algo mais parecido com o que à época as mulheres usavam debaixo das roupas propriamente ditas.

Senti-me aliviada com a atenção que Teodora me dispensou. Para onde iria eu, afinal, se não aceitasse o seu convite? Toda a ajuda seria bem-vinda, e não poderia permitir que o meu orgulho se sobrepusesse ao meu desespero.

Teodora era uma jovem magra, mais baixa do que eu. Era bonita, de cabelo castanho-escuro com ondulações escondidas por debaixo do apanhado que compunha o penteado. Possuía um olhar meigo e uns olhos escuros e arredondados. A sua pele era lisa e branca como cal e os seus traços faciais eram arredondados, o que lhe dava um ar infantil, frágil e vulnerável. Trazia um vestido comprido rosa, muito claro, ajustado ao torso.

Acompanhei-a até casa, não sabendo para onde deveria ir. Regressar ao local onde tinha acordado não faria sentido. Não havia por lá nada, e não fazia ideia de como ali tinha ido parar, uma vez que desmaiara antes e de nada me lembrava no entretanto. Percorremos aquele bairro que, viera a saber depois, se tratava do bairro de Recife, o mais movimentado da cidade, mas também o mais mal edificado e o mais sujo. As ruas possuíam calçada, e magoavam-me os pés desprovidos. Pelo pouco que vira, o bairro era decorado por casas de dois até três andares, erguidas em tijolos, com a exceção da moldura das portas e janelas, talhadas em pedra calcária. As janelas eram guarnecidas com grades, o que lhes dava um aspeto tristonho. Seguimos pelas ruas, do lado oposto da praia, e no caminho fomos conversando. A cada passo que dava esforçava-me por compreender aquele meu desígnio, convencendo-me de que tudo aquilo era real, embora num processo de lentidão mental e confuso.

– Sou filha do barão Bento Manoel da Costa, um comerciante de escravos bastante rico. Espero que a Manuela não me condene pelas façanhas de meu pai – disse ela, constrangida.

– Quem sou eu para culpar alguém seja do que for! – retorqui, evitando mais atritos.

– O meu pai veio para o Brasil ainda adolescente, para trabalhar como caixeiro de uma loja, mas quando chegou o seu futuro patrão tinha falecido. Então ficou sem emprego, mas não passou necessidades, pois o governo

amparava os portugueses que desembarcavam em todas as capitanias, e apinhava-os nos cargos públicos em detrimento dos filhos da terra – explicou Teodora, sentindo necessidade de justificar o pai.

– O governo ainda ampara os imigrantes? – perguntei, esperançosa.

– Nem tanto. Muitos dos que chegavam tornavam-se ociosos e acomodados, sendo sustentados sem limite de tempo pelos contribuintes locais, mas esse não foi o caso do meu pai. Ele sempre foi um homem de astúcia, além de ter muita energia... Não sei como ele consegue passar a vida embarcado de um lado para o outro, até hoje. E aos poucos, tornou-se um comerciante poderoso, traficante de escravos e senhor de mais de vinte engenhos – esclareceu.

– Traficante de escravos?! Eu sei que a Teodora não tem culpa alguma, porém não consigo digerir essas práticas, através das quais usam as pessoas como se de um objeto se tratassem! – contestei, partilhando honestamente aquilo que sentia naquele momento.

– É mesmo isso que os escravos são para todos. Ou melhor, para os homens, sejam eles comerciantes, senhores de engenhos, militares ou até padres. A maioria deles passa o dia a insurgir-se contra os impostos excessivos da coroa, só falam nisso dia e noite – esclareceu ela, desabafando.

– E imagino que as mulheres não tenham qualquer papel no meio de tudo isso – presumi, desiludida, mas convicta do que dizia. Afinal, o homem que me agredira verbalmente referira que o lugar das mulheres era em casa.

– Sim, nós mulheres que, como eu, provêm de famílias abastadas, estamos alheias a esses temas e passamos a maior parte do dia em casa, a costurar ou a bordar. O nosso dever é esse mesmo. Mas eu abomino estar em casa, isolada de tudo, porque nada me é permitido fazer. Não posso estudar, não posso ler, não posso mexer um dedo pois o meu pai rodeia-me de escravos para fazerem todo o trabalho. – As palavras saíam da boca de Teodora praticamente sem intervalos de respiração, e por fim respirou fundo e acrescentou: – A minha sorte foi o meu pai confiar na diretora de um abrigo só para mulheres, no acolhimento de Nossa Senhora da Glória, onde aprendi a ler e a escrever – e apercebendo-se de que só ela falava referiu: – Nem sei porque estou a falar nisto, quando a Manuela saberá certamente que trabalhar é para os escravos, mesmo que isso implique amamentar os bebés!

– Não posso acreditar! Os escravos também amamentam os bebés dos seus... proprietários? – questionei, sentindo estranheza quanto à palavra que eu tinha utilizado para definir os compradores de escravos, sem denunciar muito a minha singularidade. Teria de me habituar à ideia de chamar os nomes certos às coisas, para que Teodora pudesse entender-me sem desconfiar de mim, até descobrir forma de retornar, se é que ela existia.

– Isso é um bem maior, não acha? Quem dera a muitos escravos terem esse trabalho noite e dia. Pior são aqueles que trabalham fora de casa, acorrentados e torturados depois de um dia inteiro carregando cestas de algodão ou outras mercadorias debaixo de sol, fornecendo à vila aquilo que ela não tem – sublinhou.

Teodora estava coberta de razão. Se as mulheres escravas passassem o dia a amamentar bebés seriam quase como uma ama ou uma barriga de aluguer, foi o mais próximo que alcancei na minha imaginação. Seriam bem alimentadas, tendo outros privilégios fornecidos por essas famílias abastadas.

Por fim, aproximávamo-nos da casa dela, sempre acompanhadas por uma jovem negra que lhe segurava a sombrinha sobre a cabeça. Teodora achegou-se a mim e, segredando bem perto do meu ouvido, pediu-me: – Manuela, é melhor mantermos a nossa conversa sigilosa. A minha mãe não iria gostar de saber que partilho destas opiniões. Por favor, não comente nada sobre isto – disse com um ligeiro tremor na voz. Acenei afirmativamente com a cabeça e jurei que o melhor seria manter-me calada e controlar os meus impulsos, não fosse eu prejudicá-la. Naquele instante, fui invadida mais uma vez pelo vazio ao ouvir a palavra mãe. Engoli em seco e ganhei coragem para me manter firme e esvaziar a mente, focando-me na busca de uma orientação.

O Bairro de Recife era erguido à beira-mar, numa península, e ligado por uma ponte que se unia a um outro bairro, o bairro de Santo António, o qual se apresentava como uma ilha rodeado por um rio. Ao fundo desse segundo bairro existia outra ponte, que se unia a um terceiro bairro, mantido no continente, o bairro da Boa Vista. Pelo caminho, pude observar uma forte discrepância nas fachadas das casas, sendo óbvio quais delas pertenciam a famílias com maior poder económico.

A casa de Teodora ficava na vila de Olinda, a uns dez quilómetros de distância do Forte Brum, onde avistei o primeiro escravo. Era uma área próspera, situada perto de um parque, repleto de árvores de tronco baixo, mas volumosas na copa, recheadas de folhas verdes e carregadas de frutos amarelos. De longe não conseguia perceber que fruto seria aquele, talvez jacas. A terra batida no percurso até ali ferira-me os pés desprotegidos, uma vez que deixara as minhas sandálias onde eu tinha desaparecido.

No acesso ao portão principal havia escravos que se afastavam, desimpedindo-nos a passagem. Entrámos numa imponente casa, que mais parecia um palacete antigo. O ar refrescante triunfava entre aquelas paredes, tocando em toda a minha pele como um frescor alento. A casa era mobilada com requinte e confortável elegância, rústica e adornada de madeiras escuras. Mais

tarde, percebi que a maior parte das casas pertencentes aos barões portugueses eram providas de estilo e elegância.

– A Manuela deve estar faminta. Trataremos já disso – disse Teodora, lançando um olhar para a jovem negra que nos acompanhava, agora com as mãos livres e prontas a segurar o chapéu que a minha anfitriã tirara da cabeça. – Engrácia, quero um banquete profuso para mim e para a minha amiga Manuela! E providencie alguém para ajudá-la no banho e com as roupas – planeou, olhando para mim.

Só após Teodora ter tocado no assunto é que me apercebi que estava com muita fome. Até então, os meus pensamentos viajavam de forma vertiginosa. Engrácia era uma jovem negra, alta e magra, como a maioria dos escravos que avistara durante aquele caótico dia. O volume do seu cabelo encrespado dava-lhe um toque feminino e glamoroso, apesar de ter um corte masculino, bem curto. Para aprimorar o singelo penteado, trazia agarrado ao cabelo uma flor vermelha.

Seguia-as até um quarto, já preparado, e entrei com duas belas jovens negras, ficando Teodora do lado de fora. O quarto era amplo, e tinha uma banheira cheia de água. As duas jovens esgueiravam-se por cima de mim para me ajudarem a despir o vestido, o qual ainda assim retirei sozinha. Vê-las serem tão subservientes incomodava-me, mesmo sabendo que estavam ali para aquela função. Educadamente dispensei-as, capaz de tomar banho de forma independente, porém elas cederam com relutância, ficando encostadas à parede, viradas para mim. Assim que me coloquei de pé na banheira, num ápice surgiram com uma toalha enorme, envolvendo-me. Sobre a cama, próxima da banheira, estavam três vestidos lindíssimos, adornados com rendas e fitas de cetim. Um de cor branca, outro de um azul-celeste claro e outro em tons de lilás salpicado por toques de azul pastel. Todos em tons claros e suaves, mas de uma beleza única. Os tecidos eram macios e traziam um aroma suave e agradável como se borrifados por perfume. Sem que eu tivesse tempo de impedi-la, uma das jovens começou a espalhar-me um óleo nos ombros, de aroma apetecível. Quem sabe se tal sensação não tenha sido provocada pelo meu estômago desguarnecido! Incomodava-me aquela mordomia, sentia-me a compactuar com o mais hediondo negócio de todos os tempos, a escravatura. Mas percebi, por outro lado, que elas se sentiam inúteis quando eu tentava mover-me de forma autónoma e sem rodeios. Permiti, então, que me penteassem e me ajudassem a atar a fita do vestido.

Ao pentear-me, Esperança não se conteve em tecer elogios à cor do meu cabelo e eu agradeci. Naquela época, as mulheres tinham o cabelo de uma só cor, e não com madeixas como eu, as quais acentuavam o brilho e reflexos à

mínima claridade. No final, sem esperar, pulverizaram os meus cabelos e o vestido que já ostentava no corpo.

Devidamente limpa, cheirosa, vestida e penteada, esgueirei-me para fora do quarto, onde Teodora já me aguardava entusiasmada. «Teria ela alguma amiga?», pensei. Ela acolhera-me tão prontamente, sem hesitação, e demonstrara tanto agrado com a minha presença que lhe considerei alguma solidão.

Sentámo-nos à mesa e esclareceu-me que o pai dela tinha embarcado recentemente, pelo que só iria conhecer a sua mãe. Eu encontrava-me absorta em mil pensamentos, mas esforcei-me para tentar descortinar a maior quantidade de informação possível, quanto mais não fosse para me manter segura e protegida naquela época desconhecida. Não sabia se iria conseguir escapulir-me dali, por isso teria de estar grata àquela mão que me tinha sido estendida. Aos poucos fui interagindo mais, e fiquei a saber que ela tinha nove irmãos e vinha mais um a caminho. Considerei estranho Teodora ter uma família tão grande e ao mesmo tempo não se avistar ninguém naquela casa, além das serviçais. No entanto a razão era óbvia, não só a casa era ampla como os irmãos mais velhos e o pai estavam embarcados. Além disso, já escurecera, e embora eu não tivesse a mínima noção de que horas eram, sabia que era tarde para uma mulher daquela época estar na rua, ou até acordada. A própria Teodora dissera que a mãe passava maior parte do dia fechada no quarto, ainda mais agora que se encontrava grávida.

Na mesa estavam diversas travessas, uma com frutas, outra com feijão-preto misturado com carne seca e ainda outra com farinha de milho e torresmos de toucinho frito. Havia ainda uma iguaria que, fiquei a saber depois, se tratava de língua de baleia, apenas servida à corte ou a famílias de elite. Saciámos a fome e a certa altura apercebi-me de que Teodora estava ansiosa por me contar algo.

– Tenho algo a confessar-lhe. Estou apaixonada! Conheci recentemente um homem maravilhoso, só é lamentável ser mazombo – sussurrou ela, perdendo o ânimo inicial.

– Como assim, mazombo?

– Que nasceu cá, na colónia. Um pé-rapado! Se o meu pai descobre... nem quero imaginar o que ele me faria! Por favor, Manuela, mantenhamos este segredo entre nós! – pediu-me, em tom de súplica. – E já que estou a confidenciar-lhe tais coisas, o melhor será tratarmo-nos por tu.

Teodora demonstrava uma maturidade superior à idade, mas a sua curiosidade extrema e secretismos revelavam ingenuidade.

Tranquilizei-a, então: – Não comentarei nada do que falámos e falaremos, seja com quem for. – Fiz uma pausa, consciencializando-me de que naquela

época o Brasil era uma colónia que pertencia ao império português. Coloquei uma colher de inhame com feijão na boca, e continuei: – Mas fala-me mais sobre ele, e de como se conheceram. Terei todo o gosto em ouvir uma história de amor – pedi-lhe, querendo de uma vez por todas situar-me e identificar alguém daquela época, procurando perceber a razão do meu propósito ali.

– A primeira vez que vi Domingos, foi quando ele desembarcou aqui no porto, vindo de Inglaterra, no seu navio de nome *Martins*. Achei-o tão lindo, alto, elegante, bem-apessoado e transbordava determinação. A primeira impressão que tive foi a de que ele era certamente culto e inteligente, e isso só aumentou a minha curiosidade e interesse. – Teodora estava empolgadíssima ao falar nele e os seus olhos ganharam brilho. – Passados alguns dias, quando fui buscar um livro para ler, vi-o a conversar com o Padre João Ribeiro. Aproveitei e perguntei ao Padre quem ele era, e fiquei a saber que se chamava Domingos Martins e era comerciante. Passado um tempo, cruzei-me com ele novamente, na biblioteca do Padre, e foi então que falámos pela primeira vez. Ele reconheceu-me, porque dias antes eu tentara entrar na Loja Maçónica do Padre para poder ouvi-los debater segredinhos, filosofias e a busca de caminhos libertários para esta colónia. – De repente o olhar de Teodora tornou-se carente e distante, mas mantive-me a escutá-la atentamente. – A troca das nossas primeiras palavras não correu da melhor forma, fiquei desiludida com ele quando me impediu de entrar na Loja Maçónica.

– Porque não é lugar para mulheres, acertei? – supus, revirando os olhos.

– Isso mesmo. Que absurdo. Eu aprendi a ler, a escrever, posso muito bem pensar e ajudá-los nessa partilha de pensamentos e debates – justificou-se, fechando cada vez mais o leve sorriso.

– Existe uma loja Maçónica por aqui? – perguntei, lembrando-me de que a Maçonaria já existia desde o século XV e que uma das primeiras lojas maçónicas surgira em Inglaterra, perto de 1717.

– Sim, e não é a única. Existirão mais. São secretas, mas eu bem sei que o Padre tem as reuniões maçónicas na sua biblioteca.

– E esse Domingos, porque regressou ao Brasil, passado todo esse tempo fora? – perguntei, intrigada, sabendo o quanto a Europa era mais privilegiada do que qualquer outro continente.

– Fiz-lhe a mesma questão, à qual me respondeu que era comerciante e que retornou ao Brasil para criar uma filial de exportação de algodão – respondeu.

– Sem dúvida um jovem ambicioso e determinado. E se faz parte de reuniões maçónicas é porque tem as suas ideias bem definidas – disse-lhe delicadamente e sustentando as suas afirmações.

– Lá isso ele é. Mas no início achei-o um poço de vaidade – recordou-se, olhando no vazio.

Assim continuou, a contar-me com profuso entusiasmo os seus iniciais encontros com o namorado secreto. A excitação que demonstrava ao referir-se a ele era tanta que falava quase sem respirar. Era notável que estava apaixonada e confidenciara-me que eu era a primeira pessoa com quem ela desabafava sobre aquele romance secreto. Raras foram as vezes em que a interrompi, procurando encontrar informação por detrás de toda aquela história romanceada.

A história que conhecia do Brasil centrava-se no rei D. João VI e em D. Pedro I (D. Pedro IV em Portugal). Do que me recordava da escola secundária, e já lá iam alguns anos, era que João VI tinha sido Rei de Portugal, Brasil e Algarves. Este casara-se com Carlota Joaquina, de Espanha, e dois dos seus filhos eram D. Pedro I e Miguel I, tendo o primeiro falecido de tuberculose e Miguel I sido envenenado. Sabia ainda, que D. João VI fora um dos últimos representantes do absolutismo e o seu reinado vivera uma paz pouco duradoura. Recordava-me que em 1807 a família real portuguesa fugira para o Brasil, para o Rio de Janeiro, e que D. Pedro I tinha proclamado a independência em 1822, na qual ficara famoso o Grito do Ipiranga. Lera em tempos que o facto de D. João VI, e a corte, ter residido no Rio de Janeiro por vários anos, desequilibrara a relação tradicional entre a metrópole e a colónia, concedendo assim o impulso decisivo às aspirações de independência do Brasil. No entanto, pouco sabia daquele ano que decorria. «Deveria ter prestado mais atenção a essas aulas», pensei.

Foi então que uma mulher robusta e de estatura média surgiu na sala, era a mãe de Teodora. Entrou de rompante, falando alto: – Maria Teodora, por onde tens andado o dia todo? Vais ficar falada na vila! Depois da missa, onde estiveste?

– Mãe, quero apresentar-te a minha amiga recém-chegada de Portugal – disse Teodora, antecipando-me a apresentação.

– Ana Maria, muito prazer. Qual é a sua graça? – perguntou a sua mãe ao cumprimentar-me.

– Manuela. O prazer é todo meu.

– Estou cansada de tanto falar para Teodora que mulher de família só deve sair de casa três vezes... para se batizar, para casar e para ser enterrada! – disse Ana Maria.

– Que absurdo, mãe – indignou-se.

– Quem vive pela rua são as sem vergonha, as sem religião – acrescentou Ana Maria. – E, claro, as negras livres, que vivem a passear de lá para cá, pela Ponte da Boa Vista.

Aquelas observações deixaram-me ainda mais deslocada. Que diria a mãe de Teodora quando soubesse que eu aparecera na praia, sabe-se lá de onde e sem família?!

– Peço desculpa pela invasão e... – preveni-me, mas antes que pudesse continuar ela interpelou-me.

– Invasão? Quem me dera que Teodora pudesse ter uma amiga a tempo inteiro, que lhe colocasse algum juízo naquela cabecinha. Quem sabe assim não sentisse necessidade de sair de casa! Em vez de passar mais manhãs na Missa. Vive enfiada na biblioteca do Padre, e eu bem sei que de vez em quando traz de lá uns livros, nem sei para quê!

– Mãe... – tentou Teodora. A ânsia de falar corria na família.

– Não me interrompas – ordenou a mãe. – Uma mulher deve saber sempre menos do que o seu marido, a não ser que se sujeite a casar com qualquer um! Quanto menos souber, mais hipótese terá de escolher um auspicioso marido – acrescentou. Fez uma pausa, olhou-me afavelmente e continuou: – Além disso, os homens passam pouco tempo cá por casa e será sempre mais uma mulher para podermos conversar. Ficará aqui connosco o tempo que for preciso – decidiu sem hesitar. – Pensa ficar no Brasil definitivamente? – questionou-me.

– Não tenho uma data prevista, mas não vim para ficar – respondi, sem saber o que dizer. – Está de quanto tempo? – perguntei-lhe, ambicionando mudar de assunto e lançando um olhar na direção da sua barriga, saliente e volumosa, a qual ela afagava com uma mão protetora.

– Oh! Minha querida, já perdi a noção... muito em breve. Mas espero que leve mais algum tempo, pois é a melhor forma de não engravidar de novo – respondeu, suspirando, com a outra mão apoiada nos rins. Não resisti a soltar um delicado riso. – Manuela é muito bonita. E a sua família está por cá?

– A família que me resta está em Portugal. A minha mãe viveu cá, mas faleceu – respondi sem desenvolver.

– Oh! Minha querida, lamento a sua perda. – Sem que esperasse, ela envolveu-me com os seus braços. – Seja muito bem-vinda, terei o maior prazer em que se integre nesta família.

– Obrigada pela amabilidade.

– Como encontrou Teodora, afinal? – quis ela saber.

– Na verdade, foi Teodora quem me encontrou. Eu estava desorientada e perdida perto do Forte – expliquei.

– Ai, Jesus! Quantas vezes tenho de te dizer, minha filha! Não tens nada que bater perna na rua! – resmungou Ana Maria.

– Ainda bem que o fiz, senão como teria conhecido a Manuela? Como posso arranjar alguma amiga por aqui se nenhuma mulher sair à rua? – lembrou Teodora. – E ouvi dizer que algumas senhoras da sociedade também aparecem na Ponte da Boa Vista.

– Só se forem dessas famílias modernas, vindas há pouco de Lisboa, que vão à missa a pé e andam debaixo de sol – desvalorizou Ana Maria, continuando com a sua lengalenga, ainda que ao perceber o silêncio da filha se tenha interrompido a ela mesma, olhando para mim constrangida. – A Manuela também vem de Lisboa?

– Sim, de Lisboa – respondi. – E receio que também eu venha de uma família dessas... modernas, como Ana Maria disse – arrisquei, sabendo que a minha adaptação não ia ser fácil.

Teodora soltou um risinho baixo, vendo o constrangimento da mãe.

– Eu queria referir-me àquelas três inglesas que andam por aí sempre a passear só para se distraírem, como se isso fosse uma coisa decente – justificou-se Ana Maria, olhando para mim.

– Não tem importância – respondi. – Mas é importante caminharmos um pouco, faz bem à saúde e à mente – salientei, sem saber muito bem como justificar a minha presença nas ruas. Uma vez que ficaria ali hospedada decidi preparar terreno, evitando que me limitassem a estar fechada em casa. Na verdade, precisava de descobrir como regressar à minha vida, à minha época.

– É o que eu sempre digo à minha mãe, Manuela. Por isso ela está assim, nesse estado, gorda, mole e até doentia – acrescentou Teodora.

– Minha filha, que conversa é essa? A culpa é do teu pai, que te faz todas as vontades e até permitiu que aprendesses a ler – resmungou a mãe.

– O ócio deforma o corpo das mulheres, mãe! Olha para Manuela, como é linda! Aposto que não fica trancada o dia inteiro lá na Europa – supôs Teodora.

– Eu estou prenha! – reclamou Ana Maria.

– Mas antes disso já eras assim – contrapôs a filha – As mulheres daqui, aos vinte anos, já estão gordas, moles e pálidas.

De facto, das poucas mulheres que vira no caminho, além das escravas, tinham peles muito brancas, magras de tão franzinas e não de elegância, e sem postura física sólida ou tónus muscular.

– Manuela, diz para a minha pobre mãe como é lá na Europa – pediu-me Teodora, fazendo de tudo para que demovesse Ana Maria dos seus ideais de uma mulher solteira.

– Esqueceste que vim da Europa, Teodora? – ironizou Ana Maria.

– Claro que não – respondeu-lhe. – Mas de onde Manuela vem deve ser diferente. A mãe já viu como ela é invulgar, singular... a pele, o cabelo, até o corpo!

– Bem, lá as mulheres saem às ruas e muitas até gostam de se expor ao sol... uma fonte de vitamina D, que pode ser produzida através da nossa pele se exposta aos raios solares – detalhei, sem me dar conta de que elas não me compreenderiam. – O que quis dizer é que o sol, sem excesso, é importante para a saúde, incluindo para os ossos.

– O resultado está à vista minha mãe, veja a Manuela! – reforçou Teodora.

– E já tem noivo? – perguntou-me Ana Maria, mas nem tive tempo de responder.

– Não, não tem – antecipou-se Teodora. – Mas pretendentes não lhe devem faltar – antecipou uma resposta negativa àquela questão, possibilitando assim uma maior liberdade para ambas, sem o controlo da moralidade exercida numa mulher casada ou noiva, embora as solteiras tivessem outras restrições.

– Aqui vejo que a mulher deve manter-se virtuosa, mas o homem deve gozar a sua liberdade – acrescentei, voltando ao assunto da liberdade de expressão mútua.

– Sem dúvida! A mulher tem de se preservar – concordou a mãe.

– Não vejo como sair à rua possa me desmoralizar ou tornar-me indecente – discordou Teodora.

– Irei pensar sobre isso, Manuela. Não fará mal experimentar sair mais vezes – ponderou Ana Maria. – Enfim, teremos tempo para colocar a conversa em dia e ficar a saber tudo sobre a sua família. Estou muito cansada e com dores nas costas, acho que será melhor retirar-me para o meu quarto para descansar.

Ana Maria tinha quarenta anos, mas parecia mais velha. Era uma mulher educada, forte, detentora de feições disformes e semblante desditoso. A sua pele era mais morena do que a de Teodora, o que não era de todo difícil. Não me pareceu ser uma mulher tão culta como a filha, sendo justificável só pelo simples facto de se limitar às regras machistas daquela época, a respeito das quais a mulher tinha uma função meramente reprodutora e decorativa.

Bem mais tranquila, abrigada momentaneamente, de estômago saciado e limpa, iniciei uma absorta maratona de pensamentos quando regressei ao quarto que me fora destinado. No conforto daquele aposento, lembrei-me de documentários sobre viagens no tempo, mas tudo não passava de mera ficção. Tentei recapitular as teorias de Stephen Hawking, Einstein, entre outros, que abordaram a possibilidade de viajar no tempo, porém nada me parecia fazer sentido. Do que lera, sabia que essa hipótese não estava colocada de lado e que muitos cientistas a consideravam possível, embora ainda de forma oculta. O meu coração encheu-se de esperança, mas por pouco tempo.

Desanimada, pensei em como poderia regressar à minha época, se nem sabia como tinha chegado a 1813. Einstein dizia que «a imaginação era mais importante do que o conhecimento», então só me restava imaginar uma solução, já que conhecimento nessa área não tinha. – Quem me dera que Einstein estivesse aqui para esclarecer todas as minhas dúvidas! – desejei, suspirando, sem perceber que o meu pensamento passara a palavras. Mas Einstein nascera em 1879, e no ano em que me encontrava nem os seus pais tinham nascido.

Só conseguia lembrar-me de uma lógica para ter viajado no tempo, para o ano de 1813 e para Recife: as origens da minha mãe. Uma vez que a minha mãe falecera e era brasileira, poderia ser a única razão para estar ali naquele momento. Talvez o meu passaporte de regresso fosse descobrir os ascendentes da minha mãe e, quem sabe assim, descobrir como regressar a 2018. Apercebi-me de que naquele ano, no qual me encontrava, a minha mãe ainda não tinha nascido e, claro, não poderia ter falecido... De certa forma, isso confortou-me.

Segurei o pendente do colar que o meu pai me oferecera em criança, o qual eu colocara num fio, desejando que a alma dele me protegesse naquela jornada surreal. O meu último pensamento foi para Henrique, que estaria preocupado comigo. Jamais ele iria pensar que eu fugira, mas mesmo que tal lhe ocorresse, nos seus mais estranhos e desesperantes pensamentos, para onde iria eu desprovida de tudo?! Ainda mais no preciso momento que recebera aquela pesarosa notícia! Exausta, aconcheguei-me na cama, pensando que além de estar a presenciar uma nova era, estaria também a viver o meu passado. Quem sabe, se só vivendo esta vida poderia assim chegar ao meu antigo presente, ao meu atual futuro! Com sorte, no dia seguinte iria acordar e saber que tudo não passara de um sonho. E adormeci profundamente.

II

Lágrima Azul

Lisboa, 1996

Lembro-me de ser o início do ano. O Natal não tinha decorrido da melhor maneira, uma vez que tinha passado as férias natalícias fechada em casa, com varicela. Mas a presença do meu pai era o suficiente para compensar qualquer sintoma indesejado. Naqueles dias de Inverno escurecia cedo e, embora já me encontrasse de pijama, ainda não tínhamos jantado. Saí do meu quarto, onde costumava brincar sozinha e praticar piano, e desloquei-me à cozinha para atacar um doce, escondida dos olhares da minha mãe, mas uma discussão na varanda distraiu-me. Os meus pais conversavam de forma exaltada e, enquanto a minha mãe apelava para que o meu pai procurasse outro trabalho, evitando estar tantas vezes em viagem longe da família, ele procurava amenizar as queixas. O meu pai era engenheiro físico e vivia envolvido no desenvolvimento de projetos incompreendidos por muitos. Recordo-me de desejar fervorosamente que o meu pai regressasse das suas estadias longe de casa, e ser invadida por uma tristeza profunda sempre que ele partia.

Ao ver a minha mãe comover-se e ao compreender que o meu pai ir-se-ia novamente embora, a minha pulsação disparou. E, num impulso, rodei a maçaneta e abri a porta, surpreendendo-os. Ela estava com uma camisa de dormir e um casaco que a protegia do frio, e ele vestido para sair. Em cima da mesa da cozinha estava a pasta que ele usava sempre que ia trabalhar. Segundo ele, era habitual viajar para um destino onde o frio predominava, e onde no inverno facilmente nevava. As histórias que o meu pai me contava fascinavam-me, o que era natural para uma criança de quase sete anos.

Foi então que ele me chamou pelo nome que me tratava: Andorinha. Em tempos, quando passei a exigir-lhe que me falasse sobre as suas viagens, dissera-lhe que um dia gostaria de viajar tanto quanto ele, conhecendo sítios diferentes. Disse-lhe que gostaria de ter asas para voar, para mais facilmente me encontrar com ele, sem ter de esperar que regressasse das suas viagens. Desde então, ele chamava-me Andorinha. Explicou-me que a andorinha do

ártico atravessa o planeta de Norte a Sul, duas vezes por ano. Entre junho e setembro, ela fica na região do Ártico onde tem os seus filhos e depois, para fugir ao frio, voa para a Antártica, onde se alimenta e reúne energia para voar. Um pássaro que chega a voar noventa mil quilómetros por ano. Ao fim de quatro anos, equivale à distância entre a Terra e a Lua. Após a sua explicação, eu mesma fiz questão de que ele me chamasse de Andorinha, animal pelo qual passei a ter grande admiração. Quando me estendeu os braços, corri para ele a chorar. Pegou-me ao colo, abraçando-me e eu escondi a cara no seu ombro. A minha mãe, lacrimosa, aproximou-se de mim e deu-me um beijo nas costas. Regressámos à cozinha, onde o ambiente era mais acolhedor. Era óbvio que a minha mãe lutava contra as lágrimas e, incapaz de falar, foi preparar o jantar. O meu pai levou-me ao colo até ao quarto, sentou-me na cama e ajoelhou-se no chão à minha frente. Perguntei-lhe pela razão que o levava a viajar mais uma vez e, à semelhança do que sempre fazia, tranquilizou-me, mencionando que iria ausentar-se apenas por um mês. Não tinha noção do tempo, mas para mim todas as suas ausências pareciam uma eternidade.

Sabendo o quanto eu adorava tocar piano, decidiu fazer uma analogia do seu trabalho com aquele instrumento tão precioso para mim. Explicou-me que o trabalho dele tinha de ser feito em equipa, tal como um piano precisa de várias teclas, e que se uma delas faltasse tornaria a melodia menos bonita. A determinada altura, tirou algo do bolso e entregou-me. Era um pingente em formato de lágrima, azul Bic, preso numa pulseira. Colocou-ma no pulso e envaideceu-se ao dizer que tinha sido ele a fazer aquele pingente, envolvido numa espécie de cristal. Ingenuamente, perguntei-lhe se o trabalho dele era fazer pulseiras, tendo-me respondido que trabalhava com coisas estranhas e extremamente pequenas. Não era a primeira vez que falávamos sobre isso, pelo que fiz questão de que ele se orgulhasse de mim, dando o exemplo dos grãos de areia, como em tempos ele me explicara. Ao tentar ser mais explicito, falou-me em nomes estranhos que eu nunca ouvira antes.

As conversas que tinha com o meu pai eram incomparáveis e distintas de quaisquer outras. Para mim, ele era conhecedor daquilo que mais ninguém sabia, uma espécie de mágico ou feiticeiro. Dizia-me que as coisas e as pessoas também têm energia, e que é ela que nos move, não sendo sempre igual. Quando a minha mãe resmungava e dizia que eu era uma criança cheia de energia, era inevitável não me recordar das palavras dele, dizendo que até a dormir as pessoas têm energia. Um dos exemplos ao qual ele recorria regularmente, era ao da televisão. Dizia que o som desta podia estar alto ou baixo, mas que para estar ligada precisava de energia, assim como eu quando estava

a dormir ou mais cansada. Levava-me a crer que a energia estava presente em tudo, embora com intensidade diferente.

Deslumbrada com a pulseira que ele me oferecera, perguntei-lhe como fora capaz de fazer algo tão bonito, orgulhosa das suas capacidades. Detalhou que o pingente azul era um metal alcalino, ao qual chamavam césio, sendo uma espécie de líquido. E confidenciou-me que um dia descobrira uma mistura que podia até ser mágica e, como tal, optara por armazená-la naquela cápsula que me oferecera, que parecia um cristal. Com a curiosidade de uma criança, perguntei-lhe se a pulseira tinha poderes. Disse-me que não, apenas que era rara e que nunca a deveria perder. Clarificou que a cápsula, onde a *lágrima* azul se encontrava, chamava-se grafeno e era duzentas vezes mais forte do que o aço, pelo que iria proteger o que estava lá dentro.

Confidenciou-me que trabalhava com máquinas tão grandes que tinham de estar debaixo da terra para poderem estar isoladas e permanecerem escondidas. Fez-me prometer que eu não contaria a ninguém, e eu simulei fechar os lábios com um fecho de correr, selando aquela jura como se fosse o maior segredo do universo. Segundo ele, era nessas máquinas que coabitavam diversos grãos de areia, tão pequenos que não era possível vê-los, mas que giravam a uma velocidade absurda. Quanto mais rápidas eram, mais energia tinham. E foi assim que ouvi pela primeira vez a palavra taquião.

Não conseguia entender como ele perdia tanto tempo com aquelas coisas minúsculas, quando eu preferia ver objetos enormes e arranha-céus. Porém, ele conseguia sempre convencer-me a mudar de opinião, argumentando que só através das coisas pequenas é que conseguiríamos descobrir como tudo surgia, assim como os planetas, o Sol, *etc.* Explicara-me que os planetas tinham surgido através de um buraco mágico, muito escuro e, à semelhança desse exemplo, existiam tantas outras coisas muito pequeninas, menores que grãos de areia, que também giravam dentro das coisas. E que, por isso, teria de partir mais uma vez a trabalho, para descobrir essas pequenas coisas. Só de pensar em ficar sem ele e sem o rasto do perfume que deixava pela casa, sentia-me triste. Esse sentimento transparecia-me no rosto, levando a que o meu pai me mostrasse as duas fotografias que tinha na sua carteira, uma minha e outra da minha mãe. Disse-me que sempre que sentia saudades minhas olhava para aquelas fotografias, relembrando-se de que em breve voltaria a abraçar-me. Sugeriu que eu fizesse o mesmo, e olhasse para a pulseira que ele me dera, pois eu iria saber que ele estaria a pensar em mim. Abracei-me a ele, ansiosa de que ele regressasse, quando ainda nem tinha partido. Prometi-lhe que nunca me separaria daquele pingente, promessa que cumpri por longos anos.

A minha mãe chamou-nos para jantar e ambos nos dirigimos à cozinha, deliciados com o cheiro da comida. Durante a refeição, pedi ao meu pai que partilhasse com a minha mãe uma história que ele me contava sempre. Eram tantas que tive de esclarecer melhor qual delas pretendia: – Aquela em que as pessoas estão paradas num tecido esticado.

– A mãe já me ouviu falar disso – gracejou ele.

– Mas conta, papá – pedi, entusiasmada.

– Então, lembras-te de como começa? – testou o meu pai.

– Sim – afirmei. – As coisas mesmo paradas parecem andar. É como se eu estivesse dentro de um carrossel, parada, mas o papá e a mamã veem-me rodopiar – lembrei-me, entusiasmada, com a recordação de estar num parque de diversões.

– Sim, um objeto é influenciado pelo espaço ao seu redor. Na prática, um acontecimento que acontece num espaço não pode desencadear um outro acontecimento ao mesmo tempo num outro lugar – acrescentou o meu pai, olhando para a minha mãe e utilizando outro tipo de linguagem.

– Porque a informação sobre esse acontecimento precisou de tempo para chegar ao outro e, aí sim, permitir que esse mesmo evento possa acontecer lá também – compreendeu a minha mãe.

– Isso mesmo – confirmou ele. – A própria informação tem um limite de velocidade. Por isso, se o Sol desaparecesse em pleno dia, o que aconteceria? – perguntou-me, verificando se eu me recordava da sua explicação.

– Nós só sentíamos a falta dele após oito minutos – respondi.

– Boa! Porque é o tempo da viagem da velocidade da luz – orgulhou-se.

– Papá, conta aquela parte das pessoas paradas no tecido – insisti.

– No universo de um todo, não existe o problema de dois objetos se afastarem mais rapidamente do que a luz, porque não são eles que se movem e sim o espaço entre eles – elucidou-me. E, olhando para a minha mãe, pediu-lhe que despisse o casaco de malha, com vários botões na parte da frente. – Dá-me o teu casaco!

Ela assim o fez, e ele levantou-se da cadeira e pediu-nos para que segurássemos a peça de roupa pelas pontas. – Vejam bem, os botões encontram-se todos à mesma distância uns dos outros, certo?

– Sim – respondemos, eu e a minha mãe, ao mesmo tempo.

– Vamos imaginar que o casaco seria uma estrada, e os botões seriam os carros. O primeiro botão ainda se encontra perto do último, mesmo que afastados entre si, certo? – perguntou, querendo a nossa confirmação. Ambas acenámos afirmativamente com a cabeça. – Então, agora vamos todos esticar o casaco, puxando o tecido para nós próprios. – Assim o fizemos. Puxámos a

malha do casaco, bastante flexível, tornando o casaco mais esticado e, consequentemente, mais longo. – E agora? Os botões estão à mesma distância ou estão mais longe uns dos outros? – questionou-nos, olhando para os botões que visivelmente estavam mais afastados.

– Sim. Estão mais longe – respondi prontamente, e a minha mãe manteve-se em silêncio, embora atenta.

– Se fosse uma estrada, achas que o primeiro botão, ou melhor o primeiro carro, conseguiria ver o último? – testou-me.

– Acho que sim – respondi.

– E se a estrada tivesse curvas? – persistiu, ao mesmo tempo que torcia ligeiramente o tecido.

– Não. Alguns botões da frente não conseguiriam ver os últimos – notei.

– Ora aí está! – comentou o meu pai. – Parece até que os botões se moveram, certo?

– Sim, porque se afastaram uns dos outros – compreendi.

– Mas eles não se mexeram. Encontram-se fixos – observou a minha mãe, orgulhosa pelo modo como ele elucidava tão bem uma criança sobre noções tão complexas.

– Sim. Os botões estão cosidos ao casaco, logo jamais se moveram. Estão parados. O que se mexeu foi o espaço. Ou melhor, o casaco foi esticado – concluiu o meu pai.

– E a velocidade, como explicas isso? – quis saber a minha mãe.

– Agora imaginem que vocês são o primeiro botão, e que não sabiam que o casaco tinha sido esticado. Qual dos botões achariam que foi mais rápido a afastar-se? – continuou.

– Este – apontei para o último botão, que se encontrava mais distante do primeiro. – Porque é o que está mais longe.

– Pois é, parece que foi o mais rápido porque é o que está mais longe, mas todos os botões estão fixos e nenhum deles se mexeu – concluiu. – O que se mexeu foi o espaço onde os botões estão.

– Nunca mo tinhas explicado dessa forma. Agora entendo porque a Manuela demonstra maior interesse nas tuas explicações do que eu – gracejou a minha mãe.

– O pai explica muito bem, mamã – pronunciei-me.

– Muitas vezes, quando estou parada no trânsito, e o carro ao meu lado se desloca para trás, obrigo-me a colocar o pé no travão, porque fico com a sensação de que fui eu que andei com o carro para a frente, embora estivesse parada – acrescentou ela, dando um exemplo do seu quotidiano.

– Ora aí está um outro bom exemplo – elogiou o meu pai. – Vou explicar de outra forma à tua mãe – disse, olhando para mim. – Imagina que a taxa de expansão do espaço seja de 1% por segundo: Se dois amigos estiverem a uma distância de dez metros entre si, isso quer dizer que, após um segundo, a distância entre eles aumentou dez centímetros, o que não é significativo. Mas se esses dois amigos estiverem a cem quilómetros entre si, após um segundo, a distância entre eles aumentou um quilómetro, ou seja, afastaram-se a uma velocidade de mil metros por segundo, duas vezes maior do que a velocidade do som no ar.

– Mas na realidade estavam parados, o espaço é que se expandiu – salientou a minha mãe.

– Certíssimo. Eles não se moveram, são pontos fixos – concordou, e olhando para mim acrescentou: – São pontos fixos num espaço, como um tecido que está a ser esticado cada vez mais.

– Assim como as luzes do céu, não é papá? – certifiquei-me.

– Imaginemos o seguinte: o céu é como um lençol preto, e nele estão cosidas imensas estrelas, algumas mais luminosas do que outras – continuou.

– E se o lençol preto se esticar muito, muito, um dia podemos deixar de ver as estrelas no céu – acrescentei, recordando-me do que em tempos ele me explicara.

– Sim. Se esse lençol for muito esticado, as distâncias entre as estrelas vão aumentar tanto e vão estar tão distantes umas das outras que, em vez de um céu estrelado, podemos ver apenas uma ou duas estrelas, até um dia não ver uma sequer – somou ele.

– Porque elas não se moveram, são pontos fixos – rematou a minha mãe, pensando alto.

– Se um dia todas as estrelas desaparecerem do céu, será muito triste – opinei.

– Podem estar invisíveis aos nossos olhos, mas não quer dizer que não existam – disse o meu pai. – Elas estarão lá, só não as vemos. Assim como eu, que irei de viagem e não me verás ao teu lado, mas vocês estarão sempre na minha cabeça e no meu coração.

Ambas sorrimos, a minha mãe limpou uma lágrima e desfrutámos do nosso jantar de despedida. Este foi o último dia em que vi o meu pai e por isso nunca mais me esquecera daquele momento. Ambos me observaram a comer com grande prazer, e quando terminei ordenaram-me que fosse escovar os dentes. Por fim, pronta para me deitar, a minha mãe deixou-me a sós com o meu pai, para que ele se despedisse de mim.

– Anda, andorinha, mete-te na cama! – disse ele, puxando os lençóis para me deitar.

Lancei-me para dentro dela e ele sentou-se ao meu lado, fez-me cócegas antes de me beijar e despediu-se de mim.

Na manhã seguinte, ele já não estaria em casa, pelo que me limitei a dizer: – Vou ter saudades tuas! – disse-lhe, agarrando-o pelo pescoço e pressionando-o para mim, para que ele se deitasse ao meu lado.

Ali ficou até eu adormecer e, no dia seguinte, já ele tinha partido na sua viagem a trabalho.